ELABVIS
I ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE BEM VIVER E INOVAÇÃO SOCIAL
"Como podemos cultivar o Bem Viver nas cidades da América Latina através das inovações sociais?"
Polo S
Equador

A DIVERSIDADE DOS SABERES ANCESTRAIS E CULTURAIS DAS COMUNIDADES DE TERRITÓRIOS TRADICIONAIS DO MUNICÍPIO DE MIRANDA/MS PARA A VIABILIDADE DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO BRUACA

LA DIVERSIDAD DE CONOCIMIENTOS ANCESTRALES Y CULTURALES DE COMUNIDADES EN TERRITORIOS TRADICIONALES DEL MUNICIPIO DE MIRANDA/MS PARA LA VIABILIDAD DEL TURISMO COMUNITARIO: LA EXPERIENCIA DEL PROYECTO BRUACA

Patrícia Zaczuk Bassinello, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, patricia.zaczuk@ufms.br

Milton Augusto Pasquotto Mariani, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, milton.mariani@ufms.br

Geraldino Carneiro de Araújo, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, geraldino.araujo@ufms.br

Denise Silva, Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural, denisemiranda83@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste texto, vimos compartilhar e discutir a experiência da diversidade dos saberes ancestrais e histórico-culturais e no âmbito da dinâmica territorial que abarca as comunidades tradicionais do município de Miranda/MS, a partir do projeto de pesquisa em andamento, intitulado "Bruaca: vivências culturais e produtos do Turismo de Base Comunitária". Tal projeto é realizado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e com apoio financeiro da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (Fundect) por meio da Chamada Fundect Universal 2021-ODS. A Bruaca, articulada nesse projeto como um possível produto de turismo para o estado de Mato Grosso do Sul, também é um recente negócio social, aprovado no edital Programa Centelha MS (2022).

O projeto tem como objetivo de promover formatar a Bruaca[1] como iniciativa de Turismo de Base Comunitária no estado de Mato Grosso do Sul, a partir da oferta de vivências culturais e de produtos da sociobiodiversidade das comunidades tradicionais do município de Miranda/MS. Somado a isso, visa a valorização do patrimônio cultural material

[1] Bruaca é o nome dado para as malas rústicas de couro cru que os pantaneiros levam, no lombo dos cavalos, durante as idas e vindas das comitivas. Nas bruacas, eles levavam alimentos e roupas necessários para enfrentar os longos dias e noites atravessando o Pantanal para conduzir o gado.

e imaterial das comunidades tradicionais do Pantanal Sul por meio do fortalecimento, documentação e divulgação das vivências, saberes e experiências dessas comunidades, como também de oferecer para muitos desses sujeitos a principal fonte de renda, sendo que tais ações impactam positivamente a autoestima desses grupos que foram historicamente marginalizados.

A proposta de desenvolver iniciativas de Turismo de Base Comunitária nas comunidades tradicionais do Pantanal nasce de uma pesquisa de pós-doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais e, também é resultado de ações do Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural (IPEDI). O Instituto, atua nas comunidades tradicionais de Miranda/MS desde o ano de 2012 e ao longo desses anos foram realizados inúmeros projetos de pesquisa pelo IPEDI, como de ensino e extensão no intuito de fortalecer o patrimônio cultural destas comunidades.

O Pantanal, apesar de já viabilizar o uso turístico em segmentos específicos de mercado, ainda apresenta pouco engajamento e estímulo de gestão na valorização e conservação da biodiversidade local por meio de ações e iniciativas que conectam o ambiente e seus recursos com as comunidades tradicionais que vivem e se constituem desse território, atores esses providos de saberes, hábitos e práticas culturais diversas e milenares. Dentre elas, podemos citar algumas como a biodiversidade da fauna e de frutos nativos como a guavira, bocaiuva, babaçu, baru, jatobá, bacuri, palmito de bocaiuva, entre outros e ervas medicinais nativas do ambiente. Além disso, reconhece a flora local muito utilizada na produção de artesanato da comunidade indígena e dos ribeirinhos como o barro, fibras de taboa, carandá, bacuri, buriti, bocaiuva, aguapé e sementes. Porém, tais recursos ainda são timidamente fomentados para fins turísticos, apesar do já reconhecimento pela comunidade e pelo mercado de artesanato como potencial.

Esta ação é desenvolvida por meio de uma rede diversa de atores e parceiros institucionais (UFMS – UFGD – IFMS – ECOA – IPEDI - Organização Caianás, SEMAI Miranda/MS etc.) junto às comunidades, o que permite uma atuação interdisciplinar e fortalecida a partir dos pressupostos de uma governança colaborativa para às iniciativas de Turismo de Base Comunitária, propiciando dessa maneira a cultura e paisagem local, a emancipação social e financeira às comunidades que vivem em constante conexão com o bioma Pantanal, permitindo equilibrar a desigualdade social e de gênero. Logo, prevê contemplar os ODS 8, 11 e 15.

Destaca-se também que ao estudar os produtos da sociobiodiversidade e, com a cultura local, enriquecemos ainda a pluralidade epistêmica de diferentes experiências e saberes; que precisam ser confrontados com pressupostos teóricos sensíveis a políticas de inclusão na realidade cotidiana como também estimulamos a redução da vulnerabilidade de territórios rurais deprimidos, por meio de tecnologias sociais e assistivas que propicie a compreensão política da alimentação, abrangendo assim, aspectos simbólicos, patrimoniais, de soberania alimentar e a valorização da cultura alimentar e do território. (Saquet; Sposito, 2009).

O presente projeto,utiliza-se de uma perspectiva pós-colonial, e se configura como uma com uma pesquisa investigação-ação-participante, segundo Fals Borda (2010), que visa, por meio do diálogo simétrico entre pesquisador e participantes, a reflexão, a

consciência coletiva e a práxis transformadora. Optou-se pela adoção de uma metodologia pós colonial, a investigação-açãoparticipante (IAP) por queremos assumir a postura de um método de investigação, uma técnica educativa e uma ação política, enquanto uma tríade permeada por uma filosofia de vida, dentro de um processo vivencial, como destaca Fals Borda (2010), junto aos sujeitos da pesquisa, combinando a pesquisa com ação política, transformando a realidade social e econômica e; construir o poder popular em benefício daqueles que frequentemente são subalternizados (Spivak, 2010) e/ou invisibilizados quanto aos seus saberes e fazeres populares/milenares.

A pesquisa também visa contemplar um estudo bibliográfico e documental, procurando alinhar os conhecimentos da equipe de pesquisadores envolvidos, acerca de povos e comunidades tradicionais; iniciativas e governança de Turismo de Base Comunitária, como também um levantamento e catalogar os produtos da sociodiversidade das comunidades existentes no Cerrado e Pantanal, disponibilizados pela organização Ecoa (Ecologia e Ação) e Rede CerraPan, em seus canais de comunicação e representações, como também nas visitas e entrevistas realizadas com as comunidades.

A pesquisa está sendo desenvolvida no município de Miranda/MS, nos territórios que compreendem as comunidades tradicionais (indígenas, ribeirinhos e assentados), a saber:

A) Comunidades Indígenas:

1 - Terra Indígena de Cachoeirinha: Aldeia Cachoeirinha, Aldeia Mãe Terra, Aldeia Babaçu, Aldeia Argola, Aldeia Morrinho, Aldeia Lagoinha;

2 - Terra Indígena Lalima: Aldeia Lalima e Aldeia Campina.

B) Comunidade Ribeirinha:

Associação de Apicultores Apiário Flor de Camalote e Associação de Moradores do Salobra.

C) Comunidade de Assentados:

Assentamento Tupã Baê e Assentamento Bandeirantes.

Para isso, foram divididas as equipes de trabalho por meio de Grupos de Trabalho (GTs) para os diálogos e encontros com as comunidades, de modo a levantar e mapear as vivências e experiências de cada categoria envolvida, como estabelecer uma conexão de confiança nos diálogos (Figura 1). Dessa forma, as ações e diálogos contínuos permitem promover mecanismos de autonomia e empoderamento socioeconômico para essas comunidades, desmembrando em uma inovação social, no que tange ao encaminhamento de soluções que gerem impacto na resolução de problemas sociais, transformando as realidades locais e fortalecendo o tecido social.

Figura 1 - GTs equipes de trabalho



Fonte: Arquivo dos autores (2023).

Como resultados preliminares e no primeiro levantamento feito pelas equipes, reconhecemos no eixo de produtos do Turismo de Base Comunitária, a existência de uma rica diversidade de produtos da sociobiodiversidade (Figuras 2 e 3), observados especialmente nos assentamentos visitados e nas comunidades ribeirinhas, incluindo alimentos da agricultura familiar e a existência de frutos nativos, como o baru, a bocaiuva, bacuri. Outro destaque é a produção de mel, do queijo de búfalo e de compotas derivadas dos frutos nativos. Muitos desses alimentos revelam nas práticas cotidianas dessas comunidades os conhecimentos, o manejo com o território e às contribuições que esses sistemas produtivos incidem sobre à promoção dos modos de vida e a conservação da biodiversidade desses territórios, conectando e valorizando os saberes, fazeres e vivências de cada povo.

No âmbito das comunidades indígenas (Figura 2), destaca-se o artesanato de cerâmica da etnia terena e da cerâmica da etnia kadiwéu; cestarias e as biojoias feitas com sementes e elementos coletados disponíveis no território local. Além disso, percebe-se cada vez mais a sensibilidade dessas comunidades em relação aos alimentos e recursos naturais e culturais (Figura 3), como a presença feminina em papéis de liderança nas comunidades tradicionais, fortalecendo ações do empreendedorismo feminino, atuando pela autonomia econômica e na conquista de mais direitos para outras mulheres, suas famílias e a conservação dos territórios.

Nesse contexto podemos destacar o envolvimento da associação de mulheres das aldeias indígenas (Babaçu, Cachoeirinha, Aldeia Morrinho, Aldeia Passarinho e Aldeia Moreira); dos Assentamentos Tupã Baê e Bandeirantes e; Associação dos Moradores de Salobra na participação de oficina de produção de saboaria artesanal e fitoterápica e oficina de tinturas com plantas medicinais, ofertado por instituições parceiras, reconhecendo e apoiando as atividades tradicionais que desempenham um papel importante no tecido cultural e econômico da cidade de Miranda/MS. Além disso, o protagonismo das mulheres e o estímulo e engajamento dos jovens fortalece e diversifica a cadeia de valor, buscando mercados que valorizem mais atributos da sociobiodiversidade e do artesanato regional.

Figura 2 - Artesanato indígena







Fonte: Arquivo dos autores (2023).

Figura 3 - Produtos da sociobiodiversidade



Fonte: Arquivo dos autores (2023).

Já no eixo das vivências culturais (Figura 4), podemos destacar uma forte potencialidade em participar de experiências nas aldeias Babaçu e Cachoeirinha como oficina de artesanato em cerâmica (barro), artesanato em palha e biojóias; grafismo; oficina de agroecologia; degustação de culinária típica (como o Hihi e outros pratos); observação das danças; caminhada do saber ancestral (saberes sobre as plantas, terra e suas aplicações, cuidados ambientais); observação de aves.

No âmbito dos assentamentos é possível desfrutar de seus produtos comercializados nas feiras da cidade aos sábados, e o acolhimento dos visitantes pelas assentadas do Assentamento Bandeirantes com um café da tarde e bate-papo, seguido de visita guiada no assentamento e degustação de produtos produzidos por este assentamento (Figura 4). Com as comunidades ribeirinhas, podemos destacar o passeio de barco contemplativo guiado por

pescadores, chamado "espelho d´água" – pelo rio Salobra até o encontro do rio Miranda; almoço a base de peixe na comunidade do Salobra, às margens da BR-262; visita à Associação dos Moradores de Salobra para conhecer o artesanato de tecelagem na produção de sapicuás pantaneiro (bolsas, porta guardanapos, porta vinhos e outros produtos com símbolos e significados do artesanato pantaneiro como a presença da faixa pantaneira). E, por fim, a vivência de um almoço de comitiva pantaneira (quebra-torto) com o cenário que envolve uma comitiva e o dia a dia do peão pantaneiro – que passam longos períodos na estrada para levar a boiada de um canto a outro durante as cheias. (Figura 4).

Já com a comunidade ribeirinha da Associação Apiário Flor de Camalote, conhecer a história desses pescadores e sua inserção na atividade de exploração/manejo do mel e, fazer a degustação do mel (e seus subprodutos como o própolis e o favo de mel) produzido por abelhas do Pantanal de modo sustentável. (Figura 4).

Figura 4 - Vivências culturais







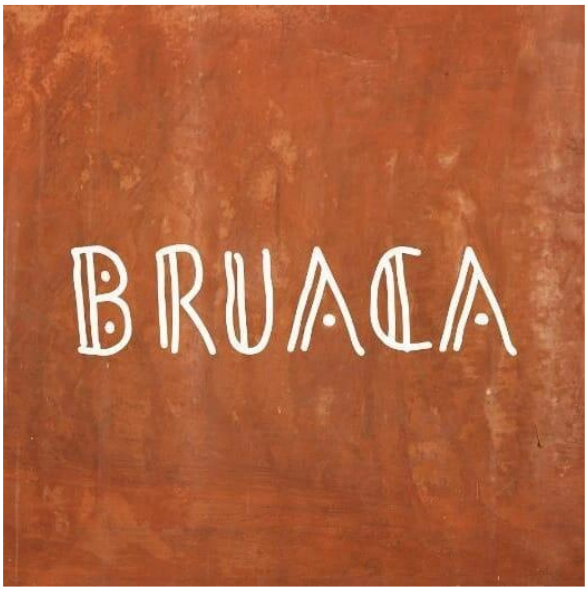



Fonte: Arquivo dos autores (2023).

A partir desse breve cenário é que a Bruaca (Figura 5) enxerga a potencialidade desses dois eixos – vivências e produtos – como recursos para o fomento do segmento de Turismo de Base Comunitária no estado de Mato Grosso do Sul, especificamente na região do Pantanal, esta já consolidada no âmbito de produto turístico do estado, com a oferta de atrativos turísticos específicos que envolvam a visitação, a gastronomia e a vivência dos turistas nesses territórios e com esses povos, de modo a conhecer e valorizar os saberes e fazeres dessas práticas, por vezes ancestrais.

Figura 5 - Cesta de bens culturais e logo Bruaca





Fonte: Arquivo dos autores (2023).

Com esse fomento é possível também criar cartilhas (temáticas e didáticas) com imagens dos produtos da sociobiodiversidade e do artesanato, juntamente com as comunidades mostrando a autoria de cada sujeito envolvido, sua história, produção, colheita e produtos derivados de cada alimento, para fins educacionais e pedagógicos. como também, a elaboração de festivais e concursos gastronômicos, para a divulgação, comercialização e criação de pratos típicos da Bruaca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa aponta para uma forte tendência no mercado turístico, que é a cultura e o uso de alimentos e produtos da sociobiodiversidade, apresentando-se como um forte potencial de inovação no campo do turismo de Mato Grosso do Sul, em especial para o segmento de Turismo de Base Comunitária, ainda pouco desenvolvido pelo estado de Mato Grosso do Sul. Esta iniciativa de turismo pode representar, ao se difundir nos territórios dessas comunidades, de ativos da sociobiodiversidade e um convite à criação de um modelo de tecnologia social no Pantanal, que permite a preservação e conservação desses territórios.

Além disso, o estudo possibilita a abertura de novas pesquisas no que tange a discussão e construção de políticas públicas efetivas e coordenadas que amparem, a bom termo, as demandas dessas comunidades, inclusive no âmbito da geração de ocupação, renda, preservação sociocultural e ambiental, por meio de um processo de sensibilização e diálogo com as comunidades acerca das cadeias de valor da sociobiodiversidade enquanto modelo de desenvolvimento que permite a inter-relação da diversidade biológica e a diversidade de sistemas socioculturais a partir do conhecimento

desses povos, otimizando a conservação do meio ambiente, do uso de energias renováveis e nutrientes da sociobiodiversidade.

PALAVRAS-CHAVE: sociobiodiversidade, cesta de bens culturais, territorialidades do Pantanal Sul, Turismo.

REFERÊNCIAS

FALS BORDA, O. La investigación-acción participativa: política y epistemología. In J. M.R. Guerra (ed). **Antología Orlando Fals Borba. Bogotá**: Universidad Nacional de Colombia. 2010.

SAQUET, M.A., SPOSITO, E.S (org.). **Territórios e Territorialidades:** Teorias, Processos e Conflitos. São Paulo: Editora Expressão Popular, 1 ed. 2009.

SPIVAK, G. C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte MG: Editora UFMG. 2010.

ZIOLKOWSKI, N.E. Mulheres, territórios e trabalho: auto-organização e resiliência no Pantanal Sul. In BASSINELLO, P.Z e SILVA, [Orgs.] **Saberes e Sabores do Pantanal Sul: teia de escuta das comunidades.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.